

MOUSEION

Canoas, n. 46, 2025.

 <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.vi46.11670>

Fotografias colorizadas à mão no acervo arquivístico de Uberlândia

Raquel França Garcia Augustin¹

Resumo: Instituições arquivísticas estão a serviço da sociedade, como espaços culturais de guarda de documentos comprobatórios e testemunhos históricos da comunidade. Muitos são os tipos de acervos e as formas de salvaguarda do patrimônio cultural, sendo uma delas, o estudo e disseminação do acervo. Este texto tem por intuito apresentar um recorte do acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, ou seja, as fotografias colorizadas à mão, elucidando detalhes da técnica e da coleção que apresenta tais itens.

Palavras-chave: Arquivo Público de Uberlândia. Oswaldo Naghettini. Ângelo Naghettini. Fotografia pintada.

Hand-colored photographs in the Uberlândia archival collection

Abstract: Archival institutions serve society as cultural spaces for storing documentary evidence and historical testimonies of the community. There are many types of collections and ways of safeguarding cultural heritage, one of which is the study and dissemination of the collection. This text aims to present a sample of the collection of the Municipal Public Archives of Uberlândia, namely hand-colored photographs, elucidating details of the technique and the collection that presents such items.

Keywords: Uberlândia Public Archives. Oswaldo Naghettini. Ângelo Naghettini. Painted photography.

Introdução

Enquanto local de referência em pesquisa, os arquivos devem providenciar meios de acesso e divulgação da informação. Para tanto é necessário interpretar, indexar, inventariar e catalogar os acervos fornecendo meios de busca para o cidadão. Além disso, também é função da instituição promover a preservação dos originais, postergando e aumentando sua longevidade de uso e existência.

¹ Mestre em Ciência da Informação (UFMG). Especialista em Museografia e Patrimônio Cultural (CEUCLAR). Graduada em Conservação Restauração de Bens Culturais Móveis (UFMG). É conservadora-restauradora do Arquivo Público Municipal de Uberlândia (MG) desde 2021. Trabalhou como conservadora-restauradora no Instituto Cultural Inhotim (MG) em 2020 e 2021. Premiação pessoa física por pesquisa artístico cultural e Bolsa de conservação e restauração, da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, com recursos oriundos da Lei Aldir Blanc de emergência cultural. Lecionou na especialização em Conservação Preventiva de Bens Culturais Móveis Eclesiásticos da PUC-Minas (MG) nos anos de 2019 e 2020, assim como foi professora substituta no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro da UFPel (RS) de 2017 a 2019. Entre 2013 e 2020 trabalhou como conservadora-restauradora de forma autônoma tendo prestado serviços para IPHAN-MG, Instituto Cultural Inhotim, MASP entre outros. Raquel Augustin (0000-0001-9346-520X). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3683562053525216>.

Uma das formas de se obter tais resultados é por meio da higienização, digitalização, acondicionamento e análise dos itens em software que permita a recuperação da informação. Destacamos aqui a questão da digitalização ou migração de suporte que promove o acesso remoto aos originais, salvaguardando sua materialidade de manuseios excessivos e desnecessários.

O exame da informação presente no suporte (meio em que a informação está depositada, no caso, a fotografia) permite a identificação e recuperação de uma maior quantidade de dados além da descrição imagética tais quais materiais e técnicas, inscrições e marcas presentes, período representado, entre outros. Peculiaridades podem ser constatadas e passarem a incrementar a particularidade do acervo existente enriquecendo o caráter cultural dos espaços históricos.

Esse é o caso do recorte analisado neste artigo: a existência de fotografias colorizadas à mão no acervo imagético do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Assim, o presente texto tem por objetivo apresentar a técnica, suas características e situá-la perante o acervo da instituição mencionada, promovendo o diálogo e uma ponte entre o objeto e a sociedade.

A pesquisa é relevante por abordar a interseção entre técnicas fotográficas históricas e a ciência arquivística, possibilitando insights sobre a gestão de documentos visuais e ampliando o conhecimento sobre práticas catalogação e salvaguarda de acervos fotográficos.

Como metodologia, adotou-se uma abordagem qualitativa, com pesquisa exploratória e descritiva. Analisou-se o recorte do conjunto fotográfico supramencionado e complementou-se o estudo com revisão bibliográfica em fontes acadêmicas, como artigos científicos e dissertações, que discutem a preservação e organização de fotografias em arquivos. Tais ações apresentam por finalidade responder à seguinte questão: Como a identificação e registro das particularidades materiais, técnicas e subjetivas de acervos impactam a disseminação da informação nos arquivos?

Fotografia pintada a mão: uma breve revisão de literatura

A técnica da fotografia foi descoberta no século XIX e alterou a relação das pessoas com a representação imagética do cotidiano e das famílias. As pinturas, antes em voga para a decoração e registro da realidade, entraram em uma nova fase em contraposição ao papel revelado por meio do quarto escuro. Em meio a esse e outros contextos, nasce o impressionismo e dá-se início aos movimentos modernistas nas artes. A sensação, a cor, o movimento, a técnica, o mínimo, a abstração e subjetivação passam a interessar aos pintores, levando-os para o campo da interpretação da realidade, enquanto a fotografia se torna o principal meio de representação realista do mundo em que vivemos. Nesse sentido, o aspecto legitimador das figuras, a reprodutibilidade e a relativa propagação do acesso contribuíram para a difusão da técnica fotográfica na sociedade. A fotografia passou, assim, a ocupar um espaço central nos modos de ver, de registrar e de rememorar a vida privada e pública, instaurando uma nova sensibilidade visual.

Novidades, geralmente, são primeiramente utilizadas e experienciadas pelas elites urbanas. Com a fotografia não foi diferente. No entanto, o decorrer do tempo trouxe uma democratização do acesso, tendo a técnica se expandido pelas diferentes classes sociais. Retratos encomendados são exemplos comercializadas pelos estúdios fotográficos e que até hoje possuem partidários e clientes. Esses produtos, ao mesmo tempo acessíveis e simbólicos, inseriram-se no cotidiano familiar como marcadores de eventos e testemunhos visuais de pertencimento social.

Estes retratos realizados por profissionais possuem cuidado em expressar uma imagem pretendida e com isso, uma mensagem. São divulgados por meio da utilização de luzes, poses, cenários, figurinos, objetos e acessórios, assim como pelo enquadramento e escolhas técnicas do fotógrafo. A beleza está associada a tais imagens, assim como o registro de ocasiões, eventos, idades, etc. A composição cuidadosa da imagem era pensada para comunicar valores como respeito, afeto, distinção ou prosperidade, reforçando identidades e narrativas pessoais.

Com o tempo, as fotografias se tornam lembranças, relíquias familiares, testemunhos transgeracionais, memórias. A atmosfera da fotografia vinculada à sensibilidade do olhar do profissional congrega valor simbólico aos retratos, o que transverte os momentos estáticos em afeições alegóricas do que se quer comunicar. Nesse processo, o retrato fotográfico ultrapassa sua função informativa e ganha densidade afetiva, servindo como elo entre diferentes gerações e memórias sociais.

Inicialmente, a técnica fotográfica gerou imagens monocromáticas em comparação às coloridas, fossem daguerreótipos, cianótipos, fotografias em preto e branco ou outros. Acredita-se que a fim de trazer mais vivacidade e sofisticação desenvolveram-se técnicas de retoques e colorização das fotografias, conforme mencionado por Larissa Busnardo em sua dissertação “*Fotografias pictóricas, pinturas fotográficas: a circulação de imagens em Curitiba (1881-1918)*” (2018, p. 205):

[...] fotopintura, fotografia pintada ou fotografia colorizada [...] Trata-se de termos variados mas que se referem a um mesmo conceito atribuído ao ato de pintar ou de realizar retoques à mão sobre fotografias para modificá-las, fazendo pequenas ou grandes correções e adicionando cores.

O profissional responsável pela atividade poderia ser um fotopintor, colorista ou retocador, assim como poderia ser o próprio fotógrafo que tivesse buscado qualificação para aplicar a técnica (Busnardo, 2018). Os materiais utilizados variavam de aquarelas, a pastéis ou corantes com aspecto translúcido; a aplicação era realizada com a imagem já revelada, por meio da sobreposição de camadas finas no suporte (BUSNARDO, 2018). Essa prática exigia habilidade artística, conhecimento técnico e precisão manual, tornando-se uma extensão híbrida entre pintura e fotografia.

No passado, previamente a este momento, a colorização de gravuras foi amplamente realizada. Acredita-se que o alcance e a quantidade de cores determinavam o valor do serviço, logo podia-se solicitar a matização apenas de detalhes, de pequenas áreas ou o destaque de áreas extensas conforme ilustrado nas imagens a seguir (Figuras 1 e 2).

Figura 1 e 2. FA mesma fotografia com distintos graus de colorização.
AE-ON2083 - Sem identificação. Criança e AE-ON2090 - Sem identificação. Criança.



Fonte: Acervo Oswaldo Naghettini – Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Essa prática não apenas atendia a uma demanda estética da época, também incluía materiais adicionais ao suporte. Os quais eram utilizados na colorização e poderiam afetar o comportamento físico-químico do original, caso não apresentassem compatibilidade. Essa interação entre materiais, quando malconduzida, podia comprometer a integridade do suporte fotográfico, exigindo cuidados redobrados na sua preservação ao longo do tempo. Felizmente, não é o caso, no acervo do Arquivo. As fotografias encontram-se estáveis, sem alterações ou danos intrínsecos derivados da técnica utilizada. No entanto, diante disso, é notório que a análise dessas imagens revela aspectos importantes sobre as práticas sociais da época e implica em atenção nos hábitos atuais de preservação e organização de documentos visuais a fim de possibilitar a recuperação da informação em seus distintos cenários.

Conforme discutido por Lacerda (2012) no artigo “*A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais*”, a fotografia em arquivos deve ser compreendida em seu contexto de produção e uso, o que implica considerar as técnicas aplicadas e os materiais envolvidos. Em consonância, Machado et al. (2019), no artigo “*A fotografia institucional na organização do conhecimento arquivístico: compreendendo o processo de evidenciação documental como parâmetro de organização*”, enfatizam a necessidade de abordagens teóricas adequadas para o tratamento arquivístico de fotografias, destacando que a compreensão do processo de obtenção e revelação da imagem e das suas características materiais é fundamental para sua organização e preservação. Lopes (2015), em sua dissertação intitulada “*A organização e descrição de fotografias em arquivos públicos: um estudo de caso*”, adiciona a importância da análise contextual da produção da imagem, defendendo que os registros fotográficos devem ser compreendidos não apenas como documentos visuais, mas como expressões de práticas sociais e culturais. Essas contribuições indicam que o valor documental da imagem está intrinsecamente ligado à sua historicidade e à intencionalidade do gesto fotográfico. Esses debates

evidenciam a relevância de considerar as técnicas de colorização manual no estudo de acervos fotográficos, pois podem influenciar diretamente a compreensão histórica dos documentos e suas medidas de salvaguarda. Assim, a presença dessas fotografias no corpus documental destaca a necessidade de maior acompanhamento desses itens, e, se for o caso, estratégias específicas de conservação que levem em conta suas particularidades.

Fotografias pintadas têm a singularidade de um valor simbólico adicional, assim como um valor técnico diferenciado em virtude de seu processo produtivo manual e artesanal. A análise das fotografias colorizadas à mão presentes no acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia revela uma riqueza de informações que extrapola o aspecto estético ou técnico da imagem. Esses registros não apenas documentam práticas culturais e sociais da época, mas também materializam escolhas estéticas e simbólicas que contribuem para a construção da memória coletiva da cidade. No que concerne ao acesso à informação e à recuperação dos dados, Silva e Brito (2021) discutem as estratégias de representação da informação visual no artigo homônimo “*Representação da informação em acervos fotográficos*” e apontam que a taxonomia e a classificação iconográfica são fundamentais para garantir o acesso eficaz aos documentos fotográficos como um todo. Para os autores, a leitura documental das imagens deve considerar tanto aspectos técnicos quanto subjetivos, de modo que a identificação visual seja acompanhada por uma contextualização informacional rica. Essa perspectiva amplia a compreensão do documento visual, permitindo sua inserção em redes de significado que transcendam o conteúdo imediato.

Compondo o discurso do olhar diferenciado, em sua análise sobre arquivos fotográficos institucionais, Santos (2018), na tese “*Arquivos fotográficos e representação visual da memória institucional*”, aborda a construção de narrativas através da organização temática das imagens, destacando o papel dos arquivistas na mediação do acesso. O autor sugere o uso de exposições como ferramentas de divulgação e educação patrimonial, ressaltando que o arranjo e a descrição são elementos essenciais na formação de discursos arquivísticos. Essa mediação, ao mesmo tempo técnica e interpretativa, fortalece a dimensão comunicacional dos arquivos.

Por fim, quanto à disseminação da informação, Souza (2020), na sua dissertação “*Repositórios digitais de fotografias: organização da informação e preservação arquivística*”, investiga o uso de tecnologias digitais para a recuperação da informação em coleções fotográficas, ressaltando a necessidade de um olhar arquivístico na estruturação dos repositórios digitais. A autora destaca a importância da preservação da autenticidade e do respeito ao contexto de produção dos documentos fotográficos, enfatizando o papel dos metadados arquivísticos na sustentabilidade do acesso remoto e recuperação da informação. A gestão digital, nesse cenário, emerge como prolongamento das responsabilidades arquivísticas tradicionais, exigindo adaptações metodológicas e éticas.

O Arquivo Público de Uberlândia e o acervo Oswaldo Naghettini

O Arquivo Público Municipal de Uberlândia foi fundado na década de 80 do século passado (XX). Possui em seu acervo fundos provenientes dos poderes executivo e legislativo municipais – como o Fundo Prefeitura Municipal e o Fundo Câmara Municipal – assim como dispõe de acervos e coleções de origem particular doados pela população ou adquiridos ao longo do tempo de acordo com o interesse público.

Os acervos e coleções históricas são compostos pelos mais diversos suportes, sendo alguns estritamente fotográficas, como é o caso do acervo Oswaldo Naghettini ou mistos como o acervo Jerônimo Arantes que possui clichês, fotografias, jornais, mapas, documentos etc. Ambos os conjuntos documentais supramencionados apresentam exemplos da técnica de colorização manual em seu escopo: Acervo Jerônimo Arantes (2 itens) e Acervo Oswaldo Naguettini (331 itens). Em virtude da quantidade de itens vamos nos ater e explorar um pouco mais o delineamento da coleção Oswaldo Naghettini que foi adquirida pela Prefeitura em 1993.

Oswaldo Naghettini foi um fotógrafo atuante na cidade de Uberlândia, tendo trabalhado para o poder público municipal e para empresas sendo conhecido por muitos como o fotógrafo oficial da cidade, de acordo com Augusto (2009). Em 1964, ele herdou o estúdio fotográfico do pai, o italiano Ângelo Naghettini, dando seguimento ao ofício ensinado pelo mesmo que residia e atuava na cidade desde 1916. Acredita-se que o acervo seja composto por trabalhos de Ângelo, Oswaldo e Mário (outro filho de Ângelo e irmão de Oswaldo), contendo registros datados entre as décadas de 1920 e 1980, período em que Ângelo e Oswaldo pararam de trabalhar (Augusto, 2009).

Nas fotografias presentes no acervo há imagens do ambiente urbano, vistas aéreas e o crescimento do município retratadas com uma narrativa limpa, moderna, organizada; o que se contrapõe às notícias da época, averiguando-se que o recorte imagético do fotógrafo defendia uma visão de mundo, legitimava e representava um discurso (Simão, 2022; Augusto, 2009). Outra faceta do acervo vincula-se à atuação de Oswaldo como fotógrafo-jornalista da delegacia da cidade, fato que se pode atestar mediante acesso a fotos de acidentes e mortes presentes na coleção. Além destes temas, o conjunto ainda é composto por outros, como eventos sociais, inaugurações, retratos pessoais, etc. A parcela de retratos é o fragmento que apresenta a técnica tema deste texto e a qual acredita-se ser de autoria de Ângelo Naghettini, abaixo esclarecemos o motivo (Figuras 3 e 4).

Pâmela Simão realizou uma extensa pesquisa sobre o acervo Naghettini realçando a obra do pai de Oswaldo, Ângelo, durante suas pesquisas de mestrado e doutorado, gerando respectivamente a dissertação “*Cidade e Fotografia: espaços e histórias na produção do fotógrafo Ângelo Naguettini*” (2015) e a tese “*De Verona à Uberabinha: Trajetória e imagens de um Fotógrafo*” (2022) que serviram de fonte para a obtenção destas informações, tal qual a dissertação de Paulo Soares Augusto intitulada “*Fotografia e história: leituras e releituras do espaço urbano - Uberlândia 1940-2008*” (2009).

Sobre o processo de caracterização e indexação das imagens, Simão destaca que no momento da doação, as fotografias não estavam identificadas o que dificultou a atribuição de autoria durante a catalogação pelo Arquivo Municipal. Aponta também que a estratégia de identificação e atribuição de autoria que adotou na sua pesquisa considerou

[...] o tempo de produção das fotos tiradas numa época a qual os filhos ainda não tinham idade para ajudar nos serviços e, além disso, a tentativa da identificação de um estilo próprio, diferente dos filhos, sobretudo, dos filhos homens, Oswaldo e Mário, que atuavam como fotógrafos. As filhas ajudavam no processo de revelação e tratamento das fotos. Os relatos familiares, especialmente de Norma Naguettini (filha de Ângelo Naguettini), também auxiliaram na composição dessa identificação. (Simão, 2022, p.14).

Figura 3 e 4. AE-ON3180 - Noemia Ribeiro e Raul Pereira de Resende. Casamento. Noivos e AE-ON2155 - Sem identificação. Criança.



Fonte: Acervo Oswaldo Naghettini – Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Dentre os registros colorizados à mão, a maioria é composta por retratos individuais femininos, alguns são duplas, casais ou famílias, podendo conter condição temática, como registros de crianças, fotos de noivos, ou de fantasias de carnaval (Figuras 5 e 6). Sabe-se que era prática do estúdio fotográfico Naghettini realizar fotos em estúdio e encomendas, nesta época especialmente no formato cartão-postal, cuja configuração se adequava à prática de circulação de registros fotográficos como lembranças por meio das correspondências (Simão, 2022).

É pertinente compreender os retratos como portadores de mensagens, como representações do pretendido, não necessariamente do real. Os retratos profissionais destacavam personalidades e características intrínsecas ao indivíduo, idealizadas, sejam elas existentes ou desejadas. A utilização da luz, da sombra e dos elementos cenográficos compositivos coadjuvaram para a criação da aura das imagens, constituindo o caráter artístico dos registros (Figura 7 e 8).

Figura 5 e 6. AE-ON3180 - AE-ON0655 - Carnaval. Bloco carnavalesco infantil e AE-ON3173 - Jefferson Alvim (Zeca) e Elvira Felice. Casamento. Noivos.



Fonte: Acervo Oswaldo Naghettini – Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Simão argumenta que Ângelo Naghettini viajava frequentemente para São Paulo a fim de se especializar e aprender técnicas novas, tal qual a de colorização das fotografias com aquarela, visto que a popularização do filme colorido se deu no início da segunda metade do século XX, por volta de 1960 (2022). A autora apresenta a informação de que em uma foto de Irene Naghettini veiculada no jornal O Repórter, de 1934, fala-se na legenda que esta atuava como retocadora fotográfica no estúdio do pai. Acredita-se que estas técnicas elevavam o patamar do trabalho realizado, embelezando-o, disfarçando defeitos, sendo um produto diferenciado e profissional em comparação às de produção amadora.

Destaca-se uma diferença quantitativa de retratos de jovens mulheres e de crianças no que se refere ao número de retratos masculinos. A presença majoritária de retratos de mulheres e crianças, o uso de figurinos e cenários, e a aplicação artesanal da cor indicam não só as expectativas sociais do período, como também os anseios projetados por meio da imagem fotográfica. Também se salienta que uma parte da coleção é composta por cartões-postais aparentemente importados e outra por registros de animais, paisagens e objetos, os quais acreditamos terem constituído corpo de prova e de testes para o aprendizado e aperfeiçoamento da técnica de colorização com aquarela, no entanto, são apenas suposições e inferências.

Figura 7 e 8. AE-ON1459 - Sem identificação. Mulher e AE-ON1644 - Sem identificação. Mulheres e homens adolescentes - irmãos.



Fonte: Acervo Oswaldo Naghettini – Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Além do que foi possível observar como presente, a ausência de algumas representações merece ênfase. Imagens colorizadas de indígenas, negros ou quilombolas não foram encontradas, o que sugere novas perspectivas e abordagens sociais para futuras pesquisas.

Considerações finais

É curioso perceber que acervos fechados podem ter conjuntos específicos em sua formação. Daí advém a ideia de séries e subséries na arquivologia, já que fundos ou acervos são determinados pela proveniência e sua organização demanda da ordenação que o produtor utilizava, majoritariamente. O acervo Oswaldo Naghettini não possui uma série de fotografias colorizadas à mão, estas fotos não estão reunidas separadamente das demais. A organização do acervo se deu por temática dos exemplares, logo muitas das fotografias estão próximas nos temas retrato, carnaval ou noivos, mas mesclam-se com as monocromáticas. A observação e percepção da característica técnica de parte do conjunto documental derivou-se do trabalho de pesquisa e do conhecimento prévio dos funcionários sobre esse modo de fazer.

A fim de divulgar as informações levantadas, elaborou-se uma exposição online com um recorte do acervo, a qual foi disponibilizada no portal do Arquivo Público Municipal de Uberlândia e confeccionou-se um catálogo interno disponível para consulta presencial com a relação das fotografias colorizadas manualmente presentes no acervo. Exposições são formas amplamente utilizadas de disseminação da informação já que podem viabilizar a criação de discursos e narrativas com apelo visual, atingindo uma maior gama de cidadãos. A análise digital dos itens, realizada pelo Arquivo, aponta para possibilidades contemporâneas de acesso e difusão. Servindo assim como ferramenta de educação patrimonial e de aproximação da sociedade com

os espaços de salvaguarda de coleções e testemunhos históricos. Dessa forma, a análise e divulgação das fotografias colorizadas à mão contribui não apenas para o enriquecimento da memória local, mas também para o fortalecimento das práticas arquivísticas voltadas à preservação e ao acesso de documentos visuais. Esse tipo de reflexão fortalece o papel social dos arquivos como agentes ativos da história e da cultura.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Paulo Soares. **Fotografia e História: leituras e releituras do espaço urbano/** Uberlândia – 1940-2008. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16351/1/Paulo.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.
- BUSNARDO, Larissa Guedes. **Fotografias pictóricas, pinturas fotográficas: a circulação de imagens em Curitiba (1881-1918).** 2018. 319 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57643/R%20-%20D%20-%20LARISSA%20GUEDES%20BUSNARDO.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.
- LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 283–302, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/6DRZT4XPWsXGCM4vzyqhzQC>. Acesso em: 31 maio 2023.
- LOPES, Amanda Cristina. **A organização e descrição de fotografias em arquivos públicos: um estudo de caso.** 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/137136>. Acesso em: 31 maio 2023.
- MACHADO, Bruno Henrique; et al. **A fotografia institucional na organização do conhecimento arquivístico: compreendendo o processo de evidenciação documental como parâmetro de organização.** Informação & Informação, Londrina, v. 24, n. 3, p. 183–206, 2019. Disponível em: <https://revistas.uem.br/ojs/index.php/InfInf/article/view/49971>. Acesso em: 31 maio 2023.
- SANTOS, Vinícius Rocha dos. **Arquivos fotográficos e representação visual da memória institucional.** 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34699>. Acesso em: 31 maio 2023.
- SILVA, Tânia Regina; BRITO, Lucas Fonseca. **Representação da informação em acervos fotográficos: contribuições da classificação iconográfica.** Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v. 14, n. 2, p. 45–61, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/38110>. Acesso em: 31 maio 2023.
- SIMÃO, Pâmela Aparecida Vieira. **De Verona à Uberabinha: trajetória e imagens de um fotógrafo.** 2022. 171 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35202/5/DeVerona%c3%80.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.
- SOUZA, Marina Ribeiro de. **Repositórios digitais de fotografias: organização da informação e preservação arquivística.** 2020. Dissertação (Mestrado em Arquivologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/12256>. Acesso em: 31 maio 2023.